

"PAULISTA SOU HÁ QUATROCENTOS ANOS"

Mário Pires

(Palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 3 de junho de 1981, Reprodução ligeiramente abreviada.)

(...)

Retratemos agora, com as tintas coloridas de uma grande simpatia e admiração, o perfil humano, profissional e intelectual do notável paulista José de Alcântara Machado de Oliveira.

A magnífica fotografia colorida da capa do nº 85, Ano XXXII, de dezembro de 1975, da Revista da Academia Paulista de Letras, mostra uma fisionomia perfeita de Alcântara Machado, cabelos negros, olhar penetrante, nariz aquilino e bigode negro, bem aparado, e nosso biografado ostenta o fardão da Academia Brasileira de Letras.

O exemplar da Revista homenageia o sesquicentenário de nascimento de D. Pedro II e o centenário de nascimento (19.10.1875), do autor de **Vida e Morte do Bandeirante**. Tendo falecido em 1941, Alcântara Machado viveu, pois, 66 anos. Sua morte ocorreu a 1º de abril de 41; portanto, este ano transcorre o quadragésimo aniversário do seu passamento, o que me ensejou a publicação de artigo a respeito, no "Diário do Povo" de Campinas, em 5 do mesmo mês, domingo.

Na palestra proferida na Academia Paulista de Letras, em 28-10-75, Rui Nogueira Martins, com o título de "História de Um Advogado", assim retrata Alcântara Machado:

"Era sua maneira de ser. Fisionomia séria, ar grave, parcimonioso na palavra e no gesto. Cortês, sem expansões. Sua altivez e pudor o inibiam de cortejar a popularidade, mas explodia em combatividade na permanente dedicação ao público, ao comunitário, ao social. Não era de derramar-se em efusões. Pai e filhos guardavam meia distância, no ambiente característico da época: respeito e autoridade.

As alegrias que a família lhe proporcionava transpareciam no brilho dos olhos. Fora do lar, a mesma linha de sobriedade. Nada de tapinhas nas costas.

Mergulhava cedo no trabalho, a estudar e escrever, na biblioteca quase centenária, enriquecida de mês para mês: durante anos na Rua Sebastião Pereira, de onde contemplava o lampião esgalhado do largo Santa Cecília; a partir de 1927, na rua Frederico Steidel."

Ah ! ruas do bairro de minha adolescência e mocidade! Residi na casa paterna, de 1929 a 32, na bela e arborizada Alameda Barros e a partir de 1935, quase na esquina, na Rua Martim Francisco, por onde transitavam os velhos bondes "Vila Buarque". De lá, ia a pé à Escola Normal da Praça, onde fiz o ginásio e me formei professor normalista. E, sem nem por sonho saber, quantas vezes não teria o jovem adolescente cruzado com um dos Alcântaras, o pai ou o filho !

A propósito, vale lembrar a confusão de muitos, misturando os dois clássicos livros como se de um só autor: o **Vida e Morte do Bandeirante**, do pai e o **Brás, Bexiga e Barra Funda**, do filho, o saboroso cronista dos carcamanos da Paulicéia. Talvez porque este antecederia o outro...

Continuemos, porém, ouvindo o conferencista:

"O tempo escorria entre os livros, a Faculdade de Direito, o escritório de advocacia e as atividades políticas. Vida social pouquíssima. Dificilmente abria mão do chá-das-cinco na cidade, com alguns companheiros que reuniam inteligência, bom-gosto e o prazer dos "potins", sublinhados, de sua parte, com o sorriso de gioconda que lhe emoldurava a ironia. Bem posto, elegante, não dispensava a bengala. Tanto por ser de uso na época, como para corrigir discretamente a ligeira falha no andar, consequência do acidente ferroviário em Itatiba."

Alcântara Machado tinha da volúpia concisão, tanto no que escrevia, como nos discursos ou nas preleções de suas aulas. "Detestava textos derramados, o discurso sem-fim, as divagações em que a lógica da argumentação se perdia e o tempo se esbanjava — prossegue o ilustre conferencista. Elaborou dois Códigos; o de Processo Civil e Comercial do Estado, como membro da Comissão do Senado, antes de 1930 (o que substituiu, em São Paulo, o venerando Regulamento 737, de 1850) e o Código Criminal, depois de Senador da República, em 1938. Sozinho. Também nessas obras a clareza, a simplicidade, a precisão de linguagem denotam o escritor que conhecia o idioma".

O ilustre paulista, porém, foi, antes de tudo, entranhadamente político e dizia mesmo: "aquela classe a que pertencço, a dos políticos." "Incrível como sua incansável operosidade de professor, jurista e historiador ainda lhe permitisse sobras para a ação política."

"Seu espírito público jamais esmoreceu, integrando, mais tarde, o partido situacionista no Estado, como deputado e senador ou inflamando, antes e durante a Constituinte Nacional de 1933, a causa constitucionalista de São Paulo, que nele teve seu grande líder, encaminhando o país para o regime da lei.

Personalidade forte, nascera para líder, não para liderado. Não seria exatamente um homem de partido, mas um homem para os partidos.

Inspirado na lúcida consciência da problemática nacional não hesitava em colocar-se acima de grupos, quando julgava de seu dever bater-se pelo interesse de sua terra”.

Alcântara Machado tinha um poder de síntese e uma fibra extraordinária de lidador incansável. Apesar de ter na política, talvez sua maior atenção, dedicava-se à advocacia, à jurisprudência, à história, à cátedra, à oratória e à literatura com o mesmo interesse e brilho.

Seu livro **Vida e Morte do Bandeirante**, escrito à luz dos documentos e na febre do amor a São Paulo, é o mais fiel repositório da vida e dos costumes de seus ancestrais.

Assim é que descobre num retalho de papel — porque São Paulo, na época do bandeirismo era paupérrimo de recursos — o registro do escrivão paulista, de um inventário, e no verso do retalho, para sua surpresa e encanto, algumas estrofes camonianas. E comenta:

“Ninguém há que não compreenda o simbolismo dessa obra maravilhosa do acaso, que é um fragmento da epopéia dos Gamas e dos Albuquerque, a servir de fecho ao inventário do bandeirante obscuro¹⁴”

Escreveu, ainda, a biografia de seu pai, o barão Brasília Machado, em que se derramou em enlevo filial. Pena que não pôde concretizar seu grande desejo de completar a elaboração de seu livro sobre a biografia do rio Tietê e dizia a Cândido Mota Filho:

“O progresso pode modificar ou desfigurar a índole paulista e sua população pode perder, na sua aparência, as características de sua formação. Mas, São Paulo nunca deixará de ser o que foi enquanto correrem as águas milagrosas do Anhembi...”

E perto da agonia — prossegue o biógrafo — disse a seu filho Brasília: “O Mota que complete a biografia...”

O idealismo de Alcântara Machado foi dedicado à vida pública. Vereador, deputado, e senador da República, presidiu com a juventude do Partido Republicano, a Ação Nacional.

Não li em livro algum, mas visualizo com as tintas e as cores mais refulgentes e brilhantes, a engalanada noite da sessão solene de posse de Alcântara Machado no “Petit Trianon”. Assistência das mais seletas, em que se fundem o social e o intelectual; inúmeros acadêmicos ostentando o vistoso e rico fardão e a mesa, com o presidente, o recipiendário, o erudito membro que responderá ao discurso do neo-acadêmico, o médico-escritor Afrânio Peixoto, e as mais altas autoridades.

Estamos em plena noite de 20 de maio de 1933, quase há um ano do 23 de maio, que imolou, na Praça da República, Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo.

Sessão eletrizante, nervosa, porque a maioria sabia do ardor bandeirante do novo acadêmico e São Paulo sangrava ainda as feridas da sacrossanta Revolução Constitucionalista de 32 !

Dada a palavra ao novo membro que era recebido em noite de gala, faz-se silêncio completo, impressionante, absoluto. Vai falar a voz do paulista arrebatado que não disfarça, no entanto, o seu acendrado brasileirismo.

Disseram, os que tinham a ventura de escutá-lo, que Alcântara Machado falava com entonação macia, velada, quase imperceptível, mas, ao se aproximar do clímax da oração, sua voz ia-se alteando e o orador transformava-se, transfigurava-se.

Dir-se-ia a impressionante peça sinfônica de Tchaikowsky, a famosa "Abertura 1812", que principia com notas e melodia calmas, suaves, sutis "allegro, ma non troppo", e vai, aos poucos, se avolumando, até chegar ao máximo da excitação e do volume, quando os instrumentos musicais fundem-se com os carrilhões e os canhões !

Deve ter sido assim, também, a oração de Alcântara Machado, com a sua voz estrondejando quando já no final ele proclama, inflamado, o seu acendrado amor a São Paulo e quase indignado, sua formação de brasileiro:

" — Assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileirismo, porque PAULISTA SOU HÁ 400 ANOS ! "

Que de emoção, que de arrebatamento não devem ter coroados com os aplausos quentes e infindáveis, as palavras finais do novo acadêmico ! E sob o impacto do acontecimento — parece que aquela noite era uma noite predestinada ! — ergue-se outra fulgurante e arrebatada voz, a de Afrânio Peixoto, em seu discurso de recepção.

Fala o médico-escritor:

" — ...vós constituís singular e honrosíssima exceção: sois o único bacharel, professor de Medicina Legal de uma Faculdade superior, após concurso público de provas que vos deram renome: sois hoje o príncipe dessa Medicina Legal no Brasil. Vossas memórias, escritos, lições, tratados, instruem minhas afirmações, que não serão contestadas. Por elas estareis bem aqui, como os grandes médicos ou juristas que se assentaram na Academia Francesa."

E o orador fala do livro consagrado:

"No melhor de vossa obra, a **Vida e a morte do bandeirante**, em que sentistes e dissestes a obra formidável dos que, devassando o Brasil, lhe fizeram a periferia regional dilatada, há, debruçado sobre o vosso ombro de escritor, a sombra ancestral de Machado d'Oliveira, bandeirante moderno que, pela ação, vos daria os hereditários acentos de evo-

cação comovida... Esse livro vos conduz à Academia, que vosso ilustre avô imaginou, para vós... Esse livro é trecho de história do Brasil, o melhor da nossa história colonial, a que não se aprende nos tratados formais, escumadeira do que sobrenada, por leve ou visível, mas que não diz da vida que ferve e tumultua obscura, ignorada, aos que não sabem sentir e observar. No vosso livro é que se sente nascer e vagir o Brasil infante. O Brasil que ia ser e seria, e será o Brasil, porque nasceu e cresceu forte e digno. Tanto, que não conseguimos acabar com ele, nós, desse Brasil, leviano e tonto, o Brasil superficial.”

E, já no auge da emoção, Afrânio Peixoto exclama:

“ – Como vós amais a esse Brasil, senhor Alcântara Machado, no vosso amor a São Paulo ! Tanto, que sois um retrato de vossa terra, um resumo de vossa gente, quando exclamais que “São Paulo não é apenas uma terra de fartura e de prosperidade: é para todos aqueles que trabalham conosco pela grandeza do Brasil, uma terra de hospitalidade e de justiça.”

Ainda devem ecoar por todo o salão da Academia Brasileira de Letras, as palavras desses dois grandes de nossas letras e de nossas ciências. Mas, naquela noite de 20 de maio de 1933, lá estava outro paulista arrebatado e arrebatador, o exuberante e humaníssimo médico-poeta santista, Martins Fontes. Coração mole, alma emocionável ao extremo, podemos adivinhá-lo, olhos umedecidos, no extremo da emoção.

Tanto que pouco tempo depois, em sua São Vicente, Martins Fontes entrega a outro grande amigo de Alcântara Machado, o saudoso acadêmico Cândido Mota Filho, o soneto glorificando o autor de “Vida e Morte do Bandeirante” e que este lê para o homenageado, num grande clima de emoção:

“ – Por sua vez, – diz Mota Filho – fui obrigado a lê-lo para Alcântara Machado, porque sua emoção o impedia de fixar as letras e alterar a voz. Vou agora repeti-lo, em homenagem ao poeta, e ao escritor:

“Paulista sou há quatrocentos anos !
Imortal, indomável, infinita,
Dos mortos de que venho ressuscita
A alma bandeirante sobre-humana.

Tenho o orgulho de nossos aótiplos,
Tenho a paixão da gleba circunscrita
Quero morrer ouvindo a voz bendita,
dos pausados cantares paulistanos.

Da minha terra para a minha terra
Tenho vivido. Meu amor encerra
A adoração de tudo quanto é nosso,

Por ela vivo num perpétuo enlevo
E incapaz de servi-la quanto devo,
Quero, ao menos, amá-la quanto posso !”

Por sinal, que o muito ilustre acadêmico e embaixador, paulista e brasileiro dos mais eminentes, que, nos últimos meses tanto tem-me honrado com suas cartas elucidativas de fatos de nossa história, o doutor Ernesto Leme, exalta sua terra natal, sua Bragança Paulista, chamando-a de “Cidade-Poesia” pela limpidez de seu céu, formosura de seus campos, perfume de suas flores, graça de suas mulheres, bravura de sua gente, grandeza de sua história” e faz suas, as palavras do poeta: “E incapaz de servi-la como devo, quero ao menos amá-la quanto posso.”

Mas, os desígnios de Deus são misteriosos e às vezes incompreensíveis para nós. Pouco tempo depois, desencadeia-se para Alcântara Machado, nova tormenta de emoção, desta vez, de dor intensa. Morre-lhe, em plena mocidade, o querido filho Antônio, que seria, com mais alegria, o continuador de sua obra de intelectual.

Então, cessam as notas e a melodia estrondante da “Abertura 1812”, para se ouvirem os sons plangentes de um Noturno de Chopin. E revela-nos, ainda, Mota Filho:

“Esse pressentimento da morte começou a habitar-lhe o espírito depois que perdeu o filho Antônio. Desde então, era um homem triste e acabrunhado. Sua timidez aumentou, como se alguma parte de seu ser tivesse morrido. Ao oferecer-me a biografia do velho Brasília Machado, escreveu a seguinte dedicatória, expressiva por demais: “Ao Mota Filho, que foi amigo dele !”

Os exemplos dignificantes de nossos grandes “homens-bons” do passado — porque, no presente, os políticos e homens públicos fazem dos cargos motivo de vaidade e corrupção — levam-nos aos seus nobres ideais, como, por exemplo, um barão de Mauá. Em seu valioso livro biográfico sobre esse extraordinário brasileiro, o escritor Alberto de Faria, (não confundir com Alberto Faria, sem a preposição, que tanto brilhou em Campinas) fazendo-lhe o merecido elogio e reabilitação, escreve, entre outras coisas:

“Pouco restava de sua veneranda memória nas reminiscências da geração de 1903, catorze anos apenas depois de sua morte.

O que o salvava no esquecimento era o fragor de sua queda; falava-se ainda nela. Iam-se dispersando, entretanto, sem deixar vestígios, os documentos psicológicos dessa grande vida na partilha carinhosa de sua valiosa correspondência, que estavam fazendo filhos e netos, aos quais feria o espinho cruel da injustiça da sorte e da ingratidão nacional,

tragando resignados e silenciosos uma dor que não reagia; os próprios livros comerciais, os seus e os das empresas que criou, já não se sabia por onde andavam. No Banco do Brasil, que foi o depositário de sua falência e liquidatário de uma empresa importantíssima, tinha sido reclamado pelo desenvolvimento dos serviços o espaço ocupado por seus papéis, e o fogo, oficialmente autorizado, queimou solenemente esses riquíssimos arquivos de nosso progresso material.

Como poderia estar tão ingratamente esquecido esse homem extraordinário?! Mas, o esquecimento de Mauá era de causar pasmo, quando, em todos os ângulos deste país, havia, em obras de gozo público, o atestado palpitante de sua passagem, em cada patrimônio municipal ou estadual a conta do débito de uma estátua merecida — “uma em cada Estado do Brasil”, como escreveu Aluísio Azevedo.”

Outro exemplo dignificante de patriotismo sincero e absoluto, é o do desventurado jovem rioclarense Siqueira Campos, que deixou esta frase lapidar:

“À Pátria tudo se deve dar e nada pedir, nem mesmo compreensão!”

Por tudo isso pode-se perguntar: Valeu a pena? A Pátria compreendeu-os e lhes foi reconhecida? Talvez devamos repetir as palavras da ilustre filha do benemérito campineiro barão Geraldo de Rezende, d. Amélia, que, magoada, enfeixou o livro biográfico do pai ilustre, repetindo as palavras do Padre Antonio Vieira, e aplicando-as ao seu genitor:

“Se servistes vossa pátria e ela vos foi ingrata, fizestes o que devíeis, e ela o que costuma...”

E eu pergunto, para encerrar: Lembra-se a Pátria e a maioria de seus filhos, deste grande paulista e brasileiro que foi José de Alcântara Machado de Oliveira, cuja morte passou-se em 1^o de abril de 1941 e que agora lembramos quarenta anos de seu passamento?

Pelo menos nós, deste venerando e consagrado sodalício, não o esquecemos.

*